

Cheirinho de café

De verdade, eu achava que isso nunca iria mudar. O cheiro do café coado, o barulho da chaleira apitando no fogão avisando que a água já está borbulhando, sentar a uma mesa para um café com prosa, pode-se dizer que tudo isso está quase entrando na categoria “*Retrô*”.

Penso que passamos da era “*sentimental*” para a era “*virtual*” até mesmo para o cheiro do café. Confuso né ? Deixa eu me explicar.

Se tem cheiro de café, tem mesa posta. Se tem mesa posta, tem cadeiras ao redor. Se tem cadeiras ao redor, tem pessoas que se reunirão ali. Se temos pessoas, temos sentimentos, sensações, interações, vida.

Hoje? Não, não se tem tempo para isso. As sensações de um abraço foram sorrateiramente substituídas por representações visuais de “*Gifs*” e “*Emojis*” de coração. Olhar nos olhos e discorrer um problema que nos tira o sono foi substituído por um longo áudio no WhatsApp que, para otimizar o “tempo perdido”, escutamos na velocidade X2.

Me lembro muito da minha infância. Fim de tarde no domingo, as crianças todas correndo pela quadra do condomínio descalças com brincadeiras que as tiravam da obesidade infantil e preenchiam a véspera de segunda-feira: Mãe da rua, Corre Cutia na casa da Tia e corre cipó na casa da vó. O elefantinho colorido narrava a cor que terminaria o dia mandando todos para casa, pro banho. A musiquinha do Faustão encerrando o “Domingão” em família, despedia os primos.

Eu tenho um filho. Ele tem 10 anos. A mesma idade que eu tinha quando corria descalça com essas crianças que mencionei. Percebo que, por mais que eu trabalhe e tente dar a ele essa riqueza que eu tinha aos finais de domingo, não consigo, porque hoje o dinheiro parece comprar coisas diferentes. Coisas que se pode tocar, coisas de prateleira. Aquelas coisas que eu tinha quando pequena não se vendem mais e muito provavelmente porque não se fabrica mais.

Hoje, possivelmente, se juntássemos essas mesmas crianças, a pipa não voaria, a bola não seria lançada na queimada, o elefantinho não teria cor e os pés

permaneceriam limpos em seus tênis da Nike cobertos e protegidos por uma meia branquinha.

Hoje o cuidado excessivo com a nova geração faz entrar em extinção as crianças que cresceram com a vitamina “**S**” de **Sujeira**. Dessas que comiam o “azedinho”, aquele matinho que crescia entre os rejuntas na rua, e, por incrível que pareça, nunca morriam envenenadas.

Hoje, esse excesso de proteção nos traz uma geração de crianças frágeis, imediatistas, que não experimentam a dor. Superprotegidas em uma bolha virtual, sem as sensações de antigamente. Uma infância presa em um mundo de vídeo game, telas, consumidas por seus iPhones de última geração, com pais que trabalham o dia inteiro e investem o salário em tecnologia para dar a seus filhos a atenção que não pode ser dada presencialmente por eles mesmos.

Hipócrita da pessoa que acha que não se inclui nessa verdade. Precisamos assumir (inclusive eu) que precisamos mudar o foco de nossas vidas e olhar de volta para o “*Retrô*”, buscando na tecnologia maneiras de encontrar ainda as mesmas sensações que vivemos um dia, ter momentos inesquecivelmente reais com pessoas de verdade. Precisamos preservar com pequenas atitudes o contato físico, permitir sim que nossos filhos andem descalços e deixá-los sentir como arde ter os joelhos ralados.

Ensinar o valor de se desconectar da TV, do celular, do *tablet* e valorizar um bom bolo de cenoura feito pelas mãos de quem se ama. Mesmo que o bolo não seja tão perfeito como aquele que o IFood poderia entregar.

Eu já procurei exaustivamente, mas não encontrei nenhum bazar “*Retro*” que venda todas essas coisas. Por isso, se você chegou até aqui, no fim deste texto, me dá uma ligada, vamos tomar juntos um bom café e planejar a construção de um bazar que tenha nas prateleiras a essência de sentimentos que salve nossos filhos.

A vida é curta demais para deixarmos o que não existe existir mais do que o que é real. O que é real ?! Esse cheirinho de café que te espera aqui.

Ass.: *Pão de queijo*